

Graça RIO-TORTO, Alexandra Soares RODRIGUES,  
Isabel PEREIRA, Rui PEREIRA, Sílvia RIBEIRO. *Gramática  
Derivacional do Português*, Coimbra, Imprensa da  
Universidade de Coimbra, 2013. 512 pp.  
ISBN 978-986-26-0640-8

Ana Maria Brito  
abrito@letras.up.pt  
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*  
*Centro de Linguística da universidade do Porto*

O livro *Gramática Derivacional do Português*, publicado em 2013 pela Imprensa Universitária da Universidade de Coimbra, é uma obra importante no panorama da Linguística Portuguesa por várias razões: por um lado, porque é um livro abrangente sobre a formação de palavras em Português, incluindo o estudo da afixação, da composição, da conversão e de processos não afixais, como a amálgama, a truncação, a siglação, entre outros; em segundo lugar, porque representa um trabalho de equipa, reunindo especialistas em cada um dos processos referidos, um trabalho dirigido e orientado pela Prof. Graça Rio-Torto desde há sensivelmente vinte anos, no quadro das atividades do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA), uma Unidade I&D da Fundação para a Ciência e Tecnologia, sediada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 1966.

Apesar de existirem outros manuais de Morfologia do Português, trata-se de uma obra inovadora. Desde logo pelo título: usando o termo *gramática*, a obra está a valorizar as regras, os processos subjacentes à formação de palavras por parte dos sujeitos falantes; usando o termo *derivacional*, embora baseado na distinção clássica entre Morfologia flexional e Morfologia derivacional, este título demarca-se da noção tradicional de derivação como formação afixal de palavras para designar todo o processo de formação e produção de novas palavras. E inovadora igualmente pelo diálogo muito equilibrado entre sincronia e diacronia e pela comparação, sempre que justificada, das variantes do Português Europeu e do Português Brasileiro.

O livro começa com *Palavras de apresentação*, de Graça Rio-Torto, em que é feita uma definição do objeto de estudo e das conceções teóricas

e metodológicas fundamentais que nortearam a investigação e a que me referirei mais adiante. É também aqui que se indica a forma de recolha dos dados. As palavras analisadas neste livro são reais, extraídas de fontes diversas, não sendo apenas as de uso mais corrente, mas incluindo palavras usadas por setores menos jovens e de meios não urbanos.

A *Introdução*, de Alexandra Rodrigues, prolonga e reforça as orientações teóricas fundamentais para a compreensão da investigação, assim como define as noções e conceitos básicos com que trabalha a Morfologia. Trata-se de um capítulo utilíssimo, muito claro e que quase constituiria um texto autónomo, pois nele são descritos e ilustrados todos os processos de formação de palavras que irão ser estudados nos capítulos seguintes.

O capítulo 2, *Formação de nomes*, de Graça Rio-Torto (e de Alexandra Rodrigues, o ponto 2.4.), distingue os vários tipos de formação de nomes: formação deadjetival (*dureza*), denominal (*despesismo*) e deverbal (*revelação*), as suas subclasses, os semantismos de afixos e produtos.

O capítulo 3 de Graça Rio-Torto (e de Alexandra Rodrigues o ponto 3.4.) é dedicado à formação de adjetivos, quer aqueles formados por sufixação a partir de um radical verbal (*consumista*) quer através de formação denominal (*azulado, accidental*) quer os obtidos por conversão (como *penetra*), um processo menos produtivo em Português. Como em todos os outros capítulos, há quadros muito úteis, em que cada sufixo é analisado nas suas propriedades assim como o tipo de bases a que se junta.

O capítulo 4, de Rui Pereira, estuda a formação de verbos de acordo com vários critérios. Tendo como base o critério formal analisa-se os diversos processos de afixação (*antepor, mordiscar, adormecer*) e de conversão (*comprar*). Tendo como base o critério categorial estuda as categorias das bases de que os verbos podem derivar (deadjetival como *aclarar*, denominal como *assustar*, e deverbal como *saltitar*) e os seus semantismos.

O capítulo 5, dedicado à formação dos advérbios em *-mente*, de Graça Rio-Torto, mostra como estes advérbios se situam entre a composição e a derivação, uma problemática já estudada anteriormente pela autora e por outros morfologistas. São estabelecidas as restrições das bases adjetivais que estão na base deste processo, mas é dado espaço a formas criadas por grandes autores da língua portuguesa, que os usam de forma tantas vezes transgressora; veja-se *lucreciamente*, em Camilo Castelo Branco, *mulher-*

*mente*, em Filinto Elísio, *bastantemente*, em Mia Couto e *antesmente*, *coraçãomente*, em Guimarães Rosa.

O capítulo 6, de Graça Rio-Torto, é dedicado à prefixação: como vários gramáticos da tradição luso-brasileira têm notado, a prefixação não é um fenómeno homogéneo, pois alguns tipos de formas prefixadas partilham propriedades com a composição, como é o caso de *contra-ataque*, *sobrecarga*. Por outro lado, nem sempre os gramáticos se põem de acordo em relação ao número e natureza dos prefixos, sobretudo os de origem erudita.

A composição é estudada no capítulo 7 por Sílvia Ribeiro, desenvolvendo trabalho conjunto com Graça Rio-Torto. Os compostos são vistos englobando três tipos: os morfológicos, em que pelo menos um radical é não autónomo (*hidroavião*); os morfossintáticos, resultado da reanálise de uma estrutura sintática (*beija-mão*); e os sintagmáticos, que seguem várias estruturas sintáticas do português: por exemplo, N prep N, *água de colónia*, ADJ N, *alto relevo*, V N, *abre-latas*. As relações semânticas entre as partes dos compostos são longamente estudadas. Mostra-se bem que os compostos tanto podem ter um significado composicional, como em *abre-latas*, como podem ter um significado não composicional, como em *bico-de-obra*, *pé descalço*.

O capítulo 8, Formação de avaliativos, de Graça Rio-Torto, parte da sua tese de doutoramento de 1993 e nele se estudam os chamados “diminutivos” e “aumentativos”, isto é, os processos afixais usados na língua portuguesa para a expressão da avaliação que os sujeitos falantes fazem de entidades (*carrinho*), de qualidades (*amigão*), de ações ou processos (*escrevinhar*), assim como a partir de advérbios (*pertinho*), de pronomes (*elezinho*, *nadinha*, *tudinho*). Embora o foco da atenção sejam as características formais das bases que justificam a escolha dos afixos, são também evidenciados alguns fatores pragmáticos envolvidos na avaliação.

Chegamos ao último capítulo, o 9, de Isabel Pereira, sobre processos de formação não concatenativa, que incluem o cruzamento vocabular (*cháfé*), a truncação (*cusco*), a siglação (*Mercosul*), a reduplicação (*bombom*), a acronímia (*sida*). Não é por acaso que neste capítulo se cruzam de forma rigorosa conhecimentos de Fonologia e Morfologia. O grau de aceitabilidade de siglas, nomeadamente a aceitação de certas irregularidades fonológicas, como a não redução de vogais átonas em *PALOP*, *GEFAC*, leva a autora

a propor a hipótese de o Léxico de uma língua ser estruturado em vários patamares, em que as siglas ocupam um lugar periférico, distante do núcleo constituído pelo vocabulário nativo (p. 489).

Gostaria agora de me referir a algumas conceções teóricas que estão na base deste livro. Embora Rio-Torto afirme nas *Palavras de apresentação* que não há uniformidade absoluta nas conceções teóricas dos vários autores do livro e que muitas destas conceções são ditadas pela especificidade dos materiais que cada um trabalha, podemos dizer que há algumas ideias comuns que atravessam o livro.

Desde logo, a conceção de Morfologia como área de interface com outras áreas da gramática. Em línguas altamente flexionais como as línguas românicas, a Morfologia flexional tem uma estreita relação com a Sintaxe, entre outros aspetos, pelos fenómenos de concordância (p. 44).

A Morfologia estabelece também relação com a Fonologia. Como Rodrigues evidencia na Introdução a este livro, na flexão operam regras fonológicas de vários tipos: ilustrando, a acentuação em *partis* é na última sílaba e a vogal é [i], alta e não recuada, enquanto em *partes* o acento recai na penúltima sílaba, o que leva a que a vogal seja, no PE, alta e recuada (p. 46).

Por sua vez, a formação de palavras, que é o objeto central deste livro, e, em particular a derivação exocêntrica, tem importantes repercussões na Sintaxe, visto que as palavras de categorias distintas não podem ocorrer nos mesmos contextos e têm propriedades de seleção argumental distintas (p. 45).

A Morfologia tem igualmente uma relação privilegiada com a Semântica a vários níveis: mais uma vez, pela flexão: vejam-se os valores semânticos distintos de tempo e aspeto em *vi / tenho visto / verei* (p. 45); por outro lado, há diferenças óbvias de significado lexical entre as palavras base e as derivadas, como em *observa / observação, acidente / accidental, laranja / laranjeira* (p. 45-6).

Quanto à formação de palavras, e como bem acentua Graça Rio-Torto nas *Palavras de apresentação*, neste livro e nas produções desta equipa, a formação de palavras é entendida “como uma área que conglomerava um conjunto de estruturas da linguagem de modo dinâmico e interactivo (...) para a construção dum lexema convergem, de forma solidária, os afixos, as bases e os processos que estão na sua génese.” “Os afixos são, tal como as bases, unidades portadoras de sentido” (p. 22).

Esta conceção é influenciada por vários autores, Corbin (1987), Matthews (1974), Aronoff (1994), Plag (2003), entre muitos outros. Na sua tese de doutoramento, publicada pela Niemeyer no já longínquo ano de 1987, Danielle Corbin propôs um modelo em que fazem parte das entradas lexicais e, portanto, são a base de toda a formação de palavras, não só as palavras não construídas, mas também os afixos. Desprovidos de estrutura argumental, os afixos são concebidos como remetendo para a regra de formação de palavra à qual estão associados (p. 466), sendo preconizado um tratamento, na linha do tratamento tradicional, de orientação do mais simples ao mais complexo (p. 473).

Jackendoff (1997) e (2002) e o seu modelo de Arquitetura Paralela são também uma influência sentida neste livro e, em particular, nos textos de Alexandra Rodrigues: as estruturas gramaticais são vistas como uma estrutura tripla, em que as estruturas fonológicas se relacionam com as estruturas sintáticas e as sintáticas com as estruturas conceituais (Jackendoff 1997, p. 39). Neste modelo, o Léxico é concebido não como um repositório de peças soltas da língua, mas como o repositório destas estruturas triplas que permitem estabelecer correspondências entre as peças formadas pelos três sistemas da gramática, a Fonologia, a Sintaxe, a Semântica. Neste modelo, as unidades lexicais são as palavras, certas expressões idiomáticas que possam ser consideradas como palavras, mas também os afixos, derivacionais e flexionais (p. 110).

A questão psicológica é também colocada neste livro. Escreve Jackendoff (1997: 121) e traduzo: “A questão morfológica do ponto de vista psicolinguístico é saber se as formas complexas são guardadas na memória de longo prazo ou compostas “online” na memória de trabalho a partir de constituintes guardados / armazenados”. Desenvolvendo esta ideia, o autor distingue entre regularidades semi-produtivas, sendo estas guardadas na memória de longo prazo; e regularidades produtivas, em que os afixos estão guardados como entradas lexicais separadas, sendo as formas derivadas compostas na hora [“on the fly”] na memória de trabalho.

Estas conceções são parcialmente retomadas por Rodrigues, embora distinguindo “produtividade” e “criatividade”. Escreve a autora: “(...) os lexemas atuais não são necessariamente blocos rígidos de componentes inscritos e solidificados na memória. A sua atualização pode passar pela

montagem *online* entre os componentes morfológicos que o constituem de acordo com os padrões do português.” (p. 70)

Enquanto a produtividade é um mecanismo inconsciente e é ele que leva a criança a produzir as formas *fazi*, *trazi*, mostrando que a construção de padrões da flexão está a ser processada dinamicamente (p. 71), a criatividade é um mecanismo mais consciente e é o que permite a um falante como Marçal Grilo ter criado pela primeira vez a palavra *eduquês*, ou a jornalistas e falantes produzirem palavras como *socratização*, *troikizar*, *antibiot(ic)izar*, *Cavaquistão*, *Kadafistão*. (p. 74)

Sendo assim, “a formação de palavras deve ser entendida (i) como o domínio de geração dinâmica e em linha, na mente de cada falante, de palavras já existentes na língua (...). (ii) como o domínio de geração de novos lexemas ainda não existentes na língua.” (p. 74)

Sabemos também que as palavras, os produtos lexicais, nem sempre têm um significado composicional; de facto, os produtos lexicais são muitas vezes “portadores de sentidos não composicionais, não computáveis a partir dos das suas unidades constituintes”, escreve Graça Rio-Torto nas *Palavras de apresentação*, sendo “(...) afetados por processos figurais de metaforização, de metonimização, de extensão ou de especialização de sentido, que os tornam parcialmente ou totalmente opacos.” (p. 22)

Esta conceção tem consequências teóricas importantes e em última instância é uma justificação para a própria existência do Léxico de uma língua e para a incapacidade de a Sintaxe dar conta da formação de palavras que têm um sentido não composicional.

Em síntese, a Morfologia é definida neste livro como um domínio de interface com outras áreas da gramática, a Sintaxe, a Semântica, a Fonologia. Por sua vez, o Léxico de uma língua é concebido não como uma listagem de lexemas em número finito, mas antes como um domínio aberto, constituído quer por formas fixas quer por padrões e regras que permitem, por um lado, gerar palavras a partir de mecanismos já disponíveis e, por outro lado, criar novas formas a partir de parâmetros e materiais linguísticos de uma dada sincronia.

Pelo que ficou dito, percebe-se que estamos perante um livro importante no panorama da Linguística portuguesa na área da formação de palavras, numa análise rigorosa, muito ilustrada, bem fundamentada e alicerçada

em bibliografia abundante e bem selecionada. Um texto de leitura muito agradável e que, estou certa, a partir deste momento, será para todos os que estudam a Língua Portuguesa uma obra de consulta obrigatória.

#### REFERÊNCIAS

- Aronoff, M. 1994. *Morphology by itself*. Londres / Massachusetts: The MIT Press.
- Rio-Torto, G. 1993. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Corbin, D. 1987. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Jackendoff, R. 1997. *The Architecture of the language faculty*, Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Jackendoff, R. 2002. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxford: Oxford University Press.
- Mathews, P. H. 1974. *Morphology. An introduction to the theory of word-structure*. Londres: Cambridge University Press.
- Plag, I. 2003. *Word formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.

